



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**ENTRE A PRÁTICA E A IDENTIDADE: A EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER NEGRA
RETINTA NA DOCÊNCIA A PARTIR DE RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS**

Talita Candida dos Santos Custodio

Rio de Janeiro

2024

TALITA CANDIDA DOS SANTOS CUSTODIO

**ENTRE A PRÁTICA E A IDENTIDADE: A EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER
NEGRA RETINTA NA DOCÊNCIA A PARTIR DE RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Francês.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Baptista da Silva

Rio de Janeiro

2024

CIP - Catalogação na Publicação

C146e Candida dos Santos Custodio, Talita
ENTRE A PRÁTICA E A IDENTIDADE: A EXPERIÊNCIA DE
UMA MULHER NEGRA RETINTA NA DOCÊNCIA A PARTIR DE RELATOS
AUTOBIOGRÁFICOS / Talita Candida dos Santos
Custodio. -- Rio de Janeiro, 2024. 34
f.

Orientador: Sergio Luiz Baptista da Silva.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Letras, Licenciado em Letras: Português Francês, 2024.

1. Docência. 2. Mulher negra. 3. Autobiografia.
4. Representatividade. 5. PIBID. I. Luiz Baptista da
Silva, Sergio, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a
responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FICHA DE AVALIAÇÃO
TALITA CANDIDA DOS SANTOS CUSTODIO
DRE: 118094323

**ENTRE A PRÁTICA E A IDENTIDADE: A EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER NEGRA
RETINTA NA DOCÊNCIA A PARTIR DE RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português - Francês.

Data de avaliação: 07 / 12 / 2024

Banca Examinadora:

Nota: 10

Orientador Prof. Dr. Sérgio Luiz Baptista da Silva
SIAPE -1731473

Nota: 10

Leitora Crítica: Prof^a Dr^a Patrícia Baroni
SIAPE: 3065923

Média :10

Assinatura dos avaliadores:

 Documento assinado digitalmente
SERGIO LUIZ BAPTISTA DA SILVA
Data: 21/12/2024 11:44:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

 Documento assinado digitalmente
PATRICIA RAQUEL BARONI
Data: 07/12/2024 17:41:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por todas as bênçãos alcançadas, por nunca ter me deixado em toda minha vida. Vejo o cuidado dele em toda a minha existência e principalmente na minha jornada estudantil.

Aos meus pais, Aldicieia Candida e Jorge Custodio, por sempre me apoiarem e por abdicarem tanto de suas vidas, por trabalharem incansavelmente para que eu tivesse o melhor que vocês pudessem me dar. Por me ajudar com todo apoio financeiro, palavras de incentivo, por sonhar o meu sonho, por sempre acreditar em mim. Agradeço a minha mãe, por todas as palavras de apoio, por não me permitir desistir, por bater na porta quantas vezes forem necessárias e me perguntar se eu ia para a faculdade, por não deixar eu perder a hora para as aulas. A vocês, todo amor e gratidão do mundo até o meu último dia de vida.

Gostaria de agradecer especialmente à minha irmã, Tuany Candida, que sempre foi uma fonte inesgotável de inspiração para mim. Eu sei que tem um peso em ser o primeiro, agradeço a você por sempre me inspirar a ser a minha melhor versão. Cada noite em claro que você passou estudando, cada vez que enfrentou sozinha os longos caminhos pela rural, sob o sol escaldante de quarenta graus, e as três horas diárias de viagem entre Realengo e Seropédica, mostram a sua determinação. Você nunca desistiu do seu futuro, e isso me inspira de uma forma que você nem imagina. Você conseguiu e me mostrou que eu podia conseguir também.

A minha avó e seu companheiro, Lucimar Candida e Henry Salvador, por todo apoio e por todas as palavras, por sempre desejarem o meu bem, o meu sucesso e por falarem com muito orgulho: Minha neta é professora, meu muito obrigada.

Aos meus amigos de faculdade, que se eu nomeasse todos não dariam aqui. Porém, em especial a minha amiga Raquel Venâncio que muito me ajudou em todo esse processo, o meu mais profundo muito obrigada por todas as dicas, desabafos, almoços juntos e risadas.

Ao meu professor, orientador, querido de prática de ensino, Sérgio Luiz Baptista da Silva. A quem tenho grande carinho e respeito. Meu primeiro professor negro na UFRJ. Obrigada por sempre me inspirar e acreditar no meu potencial, por todas as vezes que me citou em sala de aula, por todas as suas histórias, conselhos, conversas e representatividade. Por me mostrar que é possível existir e permanecer na docência.

E por último e não menos importante, a mim, por nunca ter desistido, mesmo com todas as dificuldades, mesmo não acreditando no meu potencial, apesar de ter me silenciado

algumas vezes e de ter dado voz à síndrome de impostora que existia em mim. Por ter insistido e resistido no meu sonho de fazer uma faculdade pública, por ter lutado até o fim.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - o mercado de trabalho para brancos e negros.....18

"Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas;
glória, pois, a ele eternamente."

Romanos 11:36

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo relatar minhas vivências como mulher negra na docência, por meio da metodologia autobiográfica. A partir das experiências no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e nos estágios supervisionados de português e francês nos Colégios Estadual Souza Aguiar e Pedro II, apresento um relato de experiência. Nesta monografia, realizei uma análise reflexiva sobre minha trajetória como educadora, a qual revela um processo contínuo de aprendizado e evolução. Ao revisar meu percurso, percebi diversas experiências significativas que moldaram minha prática pedagógica. Cada situação vivenciada, tanto em sala de aula quanto fora dela, contribuiu para minha formação. Essa análise não apenas me permitiu reconhecer o progresso alcançado, mas também identificar áreas nas quais ainda posso crescer e me desenvolver.

Palavras-chave: Docência, Estágio supervisionado, PIBID, Mulher negra, Representatividade, Autobiografia.

RÉSUMÉ

Le présent travail de fin d'études a pour objectif de relater mes expériences en tant que femme noire dans l'enseignement, à travers la méthodologie autobiographique. À partir des expériences vécues dans le PIBID (Programme Institutionnel de Bourses d'Initiation à l'Enseignement) et lors des stages supervisés de portugais et de français dans les Collèges d'État Souza Aguiar et Pedro II, je présente un récit d'expérience. Dans cette monographie, j'ai réalisé une analyse réflexive de mon parcours en tant qu'éducatrice, révélant un processus continu d'apprentissage et d'évolution. En réexaminant mon cheminement, j'ai identifié plusieurs expériences significatives qui ont façonné ma pratique pédagogique. Chaque situation vécue, tant en classe qu'en dehors, a contribué à ma formation. Cette analyse m'a non seulement permis de reconnaître les progrès accomplis, mais aussi d'identifier des domaines dans lesquels je peux encore grandir et me développer.

Mots-clés: Enseignement, Stage supervisé, PIBID, Femme noire, Représentativité, Autobiographie

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.2 Memórias da minha trajetória.....	14
1.3 Minha relação com a educação.....	16
1.4 A jornada escolar.....	20
1.5 A graduação de letras e seus desafios.....	23
2. A CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE.....	27
3. O PIBID FRANCÊS.....	29
3.1 A elaboração do material didático.....	30
3.2 Minha experiência no PIBID francês.....	32
4. A PRÁTICA DE ENSINO.....	33
5. CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

A formação docente brasileira por muitos anos foi dominada por uma hegemonia de professores brancos. Estudos revelam que apenas 16% dos professores universitários são negros, e quanto mais elevado o grau de instrução do docente, menor é sua representatividade racial. Embora as pessoas negras constituam a maioria da população brasileira, por muito tempo foi-lhes negado o acesso a diversos espaços, especialmente o da educação.

Este trabalho de conclusão de curso visa relatar minha experiência na formação inicial docente, como uma mulher negra retinta no processo de prática de ensino e na experiência de um ano no PIBID francês. Farei uma reflexão de como se deu o processo, como foi a minha construção como futura professora e como me vi nele desde o início da graduação.

Entretanto, não é simples olhar para si, falar de si, relembrar suas dores, sua história. Todavia é necessário, me custou acreditar que a minha história poderia vir a ser um trabalho acadêmico. Eu? Que até então, não era vista pela sociedade, que já foi muito silenciada. Porém tudo que vivi, compõem quem sou hoje.

Eu sou quem escreve minha própria história, e não quem é descrito. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se; enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade da minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a posição absoluta do que o projeto colonial determinou (Kilomba, 2012, p.27).

O tema deste estudo surgiu a partir das aulas de prática de ensino, um momento crucial na formação docente, pois possibilita a aplicação e contextualização dos conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula. Foi durante as aulas que percebi a importância da representatividade racial nas escolas e na educação. A Partir das aulas pude ter contato com diversos textos sobre educação, gênero, raça e sexualidade, apresentei seminários pertinentes que me ajudaram a enxergar com esperança um futuro mais significativo para a educação, renovando minha esperança em um cenário mais inclusivo e igualitário.

bell hooks (2013) afirma em seu trabalho *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* para ela, transgredir as normas estabelecidas é um ato de resistência e transformação. Ao reconhecer a importância de nossa presença e voz nas salas de aula, estamos, de fato, transgredindo as estruturas hegemônicas que historicamente negaram o espaço de protagonismo a pessoas negras no ensino.

Ensínamos para transgredir, para abrir espaço para a liberdade de ser, como ela nos ensina. Esse pensamento ressoou profundamente em minha prática pedagógica, pois ao me ver representada e inserida nas discussões sobre educação, raça e gênero, encontrei forças para resistir e lutar por um sistema educacional mais justo e plural.

A elaboração deste trabalho tem por objetivo inspirar meninas e mulheres negras a se orgulharem da sua trajetória, a se sentirem importantes e capazes de conquistarem seus sonhos, que sempre será por meio da educação. Minha mãe sempre me dizia: “Podem te tirar tudo, menos a educação”. A educação sempre salvará e mudará vidas!

1.2 Memórias da minha trajetória

Inicialmente, gostaria de me apresentar. Meu nome é Talita Cândida, um nome que tem origem no hebraico e significa “menina” ou “levante, menina”. Este é um nome bíblico escolhido por meus pais, que pode ser interpretado como uma premonição, destinada a me encorajar diante de tudo que ainda enfrentaria ao longo da vida.

Nasci no dia 7 de março de 1997, em Nilópolis, município do Rio de Janeiro. Minha infância foi repleta de desafios que poderiam ter me feito desistir dos estudos, incluindo problemas de saúde tanto meu como dos meus pais, dificuldades financeiras e os muitos espaços que são negados a pessoas como eu.

Meu pai nasceu em Vassouras, município do Rio de Janeiro, sendo o caçula de onze irmãos. Minha avó paterna ficou viúva ainda muito jovem e enfrentou grandes dificuldades para cuidar sozinha de todos os filhos. Durante o período em que meu pai deveria estar estudando, ele precisou trabalhar para ajudar nas despesas de casa, o que fez com que ele concluisse os estudos em uma idade mais avançada.

Por outro lado, minha mãe teve uma infância com mais acesso em comparação ao meu pai. Seu pai, meu avô materno, era maquinista de bonde e tinha uma remuneração razoável, o que lhe permitia oferecer uma vida mais confortável para sua família. No entanto, ele faleceu precocemente em um acidente, o que fez com que minha avó materna se dedicasse inteiramente a garantir uma vida digna para minha mãe e seus irmãos. Ela trabalhou incansavelmente como doméstica, lutando para oferecer a eles uma mesa farta e condições mínimas de bem-estar.

Cresci na comunidade do Az de ouro, situada em Anchieta, bairro da zona norte do Rio de Janeiro. Filha de mãe merendeira e pai pintor, apesar de todas as dificuldades meus pais sempre batalharam para que eu e minha irmã tivéssemos sempre o melhor. Nunca passamos fome, mas nossa infância não foi fácil. Meu pai saia para trabalhar às 05h da manhã e voltava às 18h, enquanto minha mãe saía às 16h da tarde e voltava 00h noite, nem víamos ela voltar. Meus pais se revezam entre o trabalho, criação dos filhos e religião.

No meio tempo entre saída de um e chegada de outro, minha irmã de apenas 9 anos tomava conta de mim com apenas 5 anos, alguns vizinhos e amigos próximos se encarregaram de vez em quando em saber como a gente estava até o período em que pai ia chegar. Ela me buscava na escola e ainda me ajudava com a lição de casa. Muitas das vezes me esquecia no

colégio, por conta do cansaço em acordar cedo para ir para escola, durante a tarde ela pegava no sono e acabava perdendo o horário de me buscar.

Durante a infância, meu pai sofreu dois princípios de infarto, minha mãe paralisia facial e problemas de hipertensão e uterino, minha avó lutou a vida inteira contra a diabetes e a tristeza de ter perdido dois filhos. Meu tio Aladarque Cândido dos Santos, enfermeiro e fuzileiro naval, faleceu com apenas 28 anos de idade em missão de paz na Angola - África em uma emboscada em 19 de maio de 1997, no mesmo ano em que eu nasci. E minha tia, Leila Cândida dos Santos, faleceu após um infarto no dia do aniversário da minha avó. O que fez com que nos mudássemos em 2007 de Anchieta para Realengo, para ficar mais perto da minha vó.

Apesar da minha infância ter girado em meio a dor, vivi muitos momentos felizes também. Como passar todas as férias escolares na casa da minha vó em Realengo, ao redor das minhas primas (Amanda e Andressa) e minha irmã (Tuany). As idas no mercadão de Madureira para comprar lanches para passar as férias; os momentos que íamos a praia de Mangaratiba aproveitar os dias de sol, os desfiles e ensaios da Portela que minha vó sempre nos levava. Os eventos na igreja, as feiras escolares que minha mãe sempre se dedicava para que a gente participasse.

1.3 Minha relação com a educação

A educação sempre teve um grande valor em minha família. Minha avó, por exemplo, cursou apenas até a antiga quarta série do ensino fundamental. Enquanto, meu pai concluiu o ensino médio aos 40 anos, equilibrando as responsabilidades do trabalho, estudos e cuidados com a família. Minha mãe terminou o ensino médio aos 18 anos, apesar de ter feito alguns cursos, seguiu outro caminho, focando no casamento e na criação dos filhos. Foi somente aos 50 anos que ela iniciou a faculdade de Teologia. Ao longo de nossas vidas, minha família sempre fez um esforço contínuo para garantir que minha irmã e eu tivéssemos acesso a uma educação de qualidade e, principalmente, alcançássemos a graduação. Meus pais sempre batalharam muito em longas jornadas de trabalho para investirem na educação minha e da minha irmã. Por vezes presenciei minha mãe apreensiva, com medo de não ter condições de pagar a mensalidade da escola em que eu estudava, de ir conversar com a direção para se possível fazer um desconto na mensalidade ou no uniforme.

Embora meus pais nunca tenham incentivado qualquer tipo de rivalidade entre mim e minha irmã nos estudos, eu sempre sentia, de alguma forma, que não podia ficar para trás. Minha irmã sempre foi muito inteligente e sempre se destacava academicamente, frequentemente ficando entre as melhores alunas da turma. Pelo fato dela ser bolsista, ela precisava manter as notas sempre altas para não perder a bolsa no colégio particular em que ela estudava. Ela venceu concursos de redação, estudava em tempo integral em uma turma especial e ainda me auxiliava com as minhas lições. Sempre olhei para a trajetória dela com muito orgulho e inspiração.

Apesar de eu não ser uma aluna com desempenho ruim, tinha o hábito de conversar e brincar bastante nas aulas. Além disso, enfrentava dificuldades, especialmente em matemática, o que, de certa forma, me fazia acreditar que eu não era tão boa nos estudos. Na verdade, o que me faltava era disciplina e empenho. Apesar disso, conseguia sempre passar de ano com notas acima da média. Porém, por enfrentar essas dificuldades isso se refletiu na construção da minha identidade como estudante e na forma como eu me enxergava na educação, que perdurou até a graduação.

Algumas dúvidas permeavam no meu consciente: Qual era o meu papel, quem eu era, o que eu queria para mim e qual caminho eu iria seguir? Eu não fazia ideia, na época não havia representatividade como vemos nos dia de hoje.

Lélia Gonzalez e Carlos Hansebalg (1906) destacam no livro *Lugar de negro* as questões raciais no Brasil. Gonzalez, uma das principais intelectuais negras do país, retrata como a população negra tem sido historicamente marginalizada e silenciada, tanto na sociedade, quanto nas narrativas históricas e culturais. Critica a ideia de que a identidade e a cultura negra são vistas como inferiores e alienadas, propondo a reconstrução do lugar do negro na sociedade brasileira, de forma a afirmar a sua identidade e valor. Ela também discute a importância do movimento negro e da ação política das populações negras, para que estas possam reverter o processo de exclusão e promover uma sociedade mais justa e igualitária.

O texto também problematiza a construção da identidade nacional brasileira, que frequentemente apaga ou subestima a contribuição dos negros para a formação da cultura e sociedade do país. Lélia Gonzalez enfatiza que, para que haja verdadeira inclusão, é necessário desconstruir as noções de superioridade racial e repensar o papel do negro no Brasil.

De fato, durante a minha infância eu não fazia ideia qual era o papel do negro e qual era a minha identidade. As representações do negro sempre foram marcadas por preconceitos, estereótipos e formas de opressão. Durante o período da colonização portuguesa e da escravidão no Brasil (que durou mais de 300 anos), a visão sobre os negros estava intimamente ligada à sua condição de escravizados e à função que exerciam na sociedade colonial.

Eramos vistos como objeto de comércio e força de trabalho, os negros africanos eram trazidos para o Brasil principalmente para o trabalho nas lavouras de açúcar, nas minas e, posteriormente, nas fazendas de café. Eram vistos como mercadoria, seres desumanizados, cujo valor era calculado pelo trabalho que poderiam oferecer. A ideologia colonial racista os via como inferiores, incapazes de desenvolver racionalidade, cultura ou civilização.

Gonzales (1982) no capítulo “O movimento negro na última década” aborda a respeito o contexto histórico da década de 1980, um período marcado por transformações políticas e sociais no Brasil, como a redemocratização após a ditadura militar. Esse cenário também trouxe um fortalecimento do movimento negro, que, ao longo da década, passou a se articular mais fortemente em torno da valorização da identidade negra e da luta contra o racismo estrutural.

Durante a minha infância, apesar de não saber o que era ser preta, eu sempre soube o que era o racismo, já notava as camadas do racismo estrutural na sociedade. Eu via o racismo estrutural, na televisão, na escola em que eu estudava, nos lugares que eu ia. Por não ter representatividade durante a minha infância, eu não fazia ideia de qual caminho profissional

iria seguir. Como professor éramos poucos, na medicina éramos poucos, porém nos papéis de novelas, filmes em que eu via éramos marginalizados, escravos, em empregos subalternos sempre à margem na sociedade. Normalmente, são trabalhos terceirizados e se revestem de características de precariedade.

Não estou dizendo que esses empregos não são dignos, eles são, porém os negros só podem ocupar tais papéis? Porque nunca éramos o empresário, o médico, o advogado? Pessoas brancas são maioria nos cargos de elite, enquanto pessoas negras não ocupam as mesmas posições.

No Brasil, pessoas negras enfrentam grandes dificuldades no acesso a empregos de qualidade, especialmente em posições de liderança, empregos de elite ou cargos mais bem remunerados, visto que pessoas negras começam a trabalhar muito mais cedo para ajudar na renda da família, o que os prejudica na escolaridade. Por outro lado, a maioria dos trabalhadores que ocupam cargos de maior qualificação e salários mais altos são brancos, o que reflete um padrão de exclusão histórica. Essa divisão é evidente em vários setores da economia, desde o setor público até o privado, e é uma das causas fundamentais da disparidade de renda entre os grupos.

Apesar da educação ter avançado muito para a população negra, após aprovação da lei de cotas, o acesso de negros a cursos de maior prestígio e alta qualificação, como medicina, engenharia e direito, é muito mais limitado em comparação com os brancos.

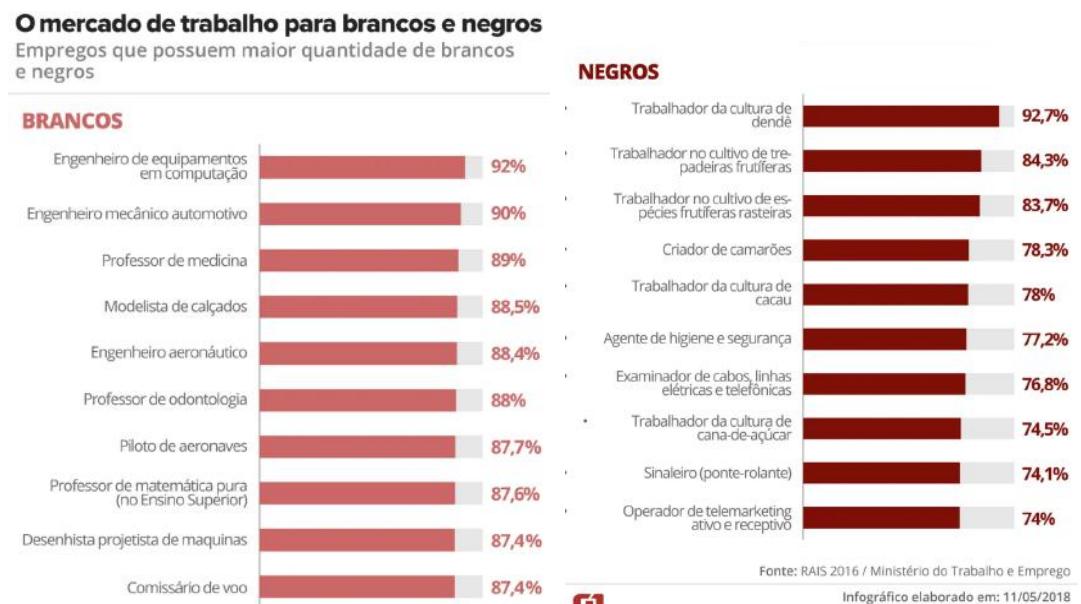


Gráfico 1 - o mercado de trabalho para brancos e negros - fonte [G1.GLOBO](#)

Infográfico mostra quais ocupações têm mais profissionais negros e brancos — Foto: Ilustração: Fernanda Garrafiel.

O gráfico enfatiza a disparidade social de empregos entre pessoas brancas e negras no Brasil. E isso só ressalta como a disparidade social de empregos entre pessoas brancas e negras no Brasil é um reflexo profundo das desigualdades estruturais e históricas que marcam a sociedade brasileira. Essa desigualdade pode ser observada desde o acesso à educação até as oportunidades no mercado de trabalho, e está intrinsecamente ligada ao legado do colonialismo e da escravidão, que relegaram a população negra a uma posição de subordinação social e econômica.

Eu sou filha e neta de uma mulher preta. Mulheres fortes e guerreiras, que não tiveram a mesma oportunidade que eu, porém sempre me impulsionam a trilhar um caminho diferente. Foi através delas que eu entendi que eu podia ir além dos papéis que a sociedade queria me dar. Que se eu quisesse eu poderia sim ser médica, professora, empresária. Eu só precisava estudar, me dedicar e acreditar.

1.4 A jornada escolar

Minha jornada escolar foi marcada por altos e baixos, o que também se refletiu na forma como eu me via como estudante e na minha experiência na educação. Estudei em colégio particular durante o fundamental, onde, na época, pouquíssimas crianças negras daquela região tinham acesso, no colégio tinha somente dois professores negros. Isso resultou em um número reduzido de amigos negros ao meu redor, o que contribuiu na dificuldade para que eu construisse uma identidade e um saber negro nos espaços por onde passei. Embora eu nunca tenha sido uma aluna ruim, enfrentei dificuldades, especialmente em matemática, o que me levou a questionar muito o meu potencial.

Até porque eu tinha uma professora que vivia dizendo para mim e outra aluna que estávamos “muito fraquinhas” que éramos “preguiçosas” ela chegava a bater na nossa testa, quando fazia perguntas sobre a tabuada e a gente não lembrava. “Ouvem dizer tão frequentemente que não servem para nada, que não podem aprender nada, que são débeis preguiçosos e improdutivos que acabam por convencer-se de sua própria incapacidade” (Freire, 1979, p.32). E por muito tempo eu achei que eu fosse mesmo, preguiçosa e fraca nos estudos.

Muitas vezes, no ensino fundamental, eu me sentia burra e incapaz de entender as atividades. Apesar de alguns professores não verbalizarem, lá no fundo eu sabia que muitos deles pensavam que eu não teria um futuro brilhante, por ser muito comunicativa e falante, era vista na escola como uma criança rebelde. Sendo que se um aluno branco fizesse as mesmas coisas que eu, ele não seria visto dessa maneira, seria apenas uma criança “levada”, uma criança sendo criança.

No ensino médio, entrei de forma inesperada no ensino normalista, porém muito incentivada pela minha mãe, irmã e minha avó que desde pequena falava que eu seria professora, porém não tinha tanta certeza de que carreira gostaria de seguir. Tentei os colégios técnicos, como o Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) e a Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec); no entanto, meu caminho já estava destinado a me tornar professora desde a infância, com as incontáveis horas que passei brincando de professora na varanda da minha avó, onde só eu podia ser a professora.

Ao entrar no Instituto de Educação Carmela Dutra, em 2012, pude entender minha vocação. Embora eu tenha estudado integral e fizesse todas aquelas horas de estágio, me apaixonei pela docência, principalmente, pela educação infantil e o ensino de jovens e

adultos. Foi somente no colégio público em que eu obtive uma trocar maior com alunos negros e indígenas. Infelizmente, não tinha professores negros.

No final de 2014, concluí o ensino médio tendo a certeza que me tornaria professora, mas não fazia ideia de qual matéria, mas para isso eu precisava iniciar uma graduação. Uma das maiores inspirações de vida para que eu fosse para universidade pública foi minha irmã, ao vê-la lutar por 4 anos para realizar esse sonho de ingressar na Universidade Rural do Rio de Janeiro, posso afirmar que fui contagiada. Durante três anos estudando para o Enem, fazendo cursinho, pensei que jamais iria conseguir, foram muitas noites em claro, de muito choros até finalmente conseguir realizar esse sonho.

Nas duas primeiras vezes fazendo ENEM tentei para a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Rural), porque sempre achei que as notas de cortes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) eram muito altas e eu não conseguia nota suficiente, sempre duvidando do meu potencial. Na verdade, eu endeusava a UFRJ, mesmo antes de entrar, sempre soube que era uma universidade muito elitizada. Inicialmente, considerei cursar Geografia, porém analisando a grade do curso percebi que não tinha muito haver comigo, depois cogitei sociologia porque era uma matéria que eu gostava muito no colégio, olhei as notas na lista de espera e vi que dava para ingressar nesse curso.

Por meio das cotas, no segundo ano fazendo o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), consegui ingressar no segundo semestre de 2017. Iniciei o curso de Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ. A princípio gostei muito do curso e das disciplinas, principalmente de antropologia, já me imaginava estudando alguma cultura. Porém, foi o período em que o ensino médio estava passando por reformas e mudanças significativas, os alunos poderiam escolher as matérias que iriam estudar, então eu precisava escolher uma profissão que tivesse um retorno financeiro. Nesse contexto, disciplinas como Sociologia, História e Filosofia estavam sendo ameaçadas, pois poderiam não ser mais obrigatórias. Apesar de ter me encantado pela Antropologia, percebi que o curso de Ciências Sociais não se limitava a essa área, o que me fez começar a considerar a possibilidade de mudar de curso.

Passei a cogitar cursar letras, até porque a língua portuguesa também era uma matéria que eu gostava muito e sempre tinha boas notas. Então, conversei com a minha família e com uma prima que estava cursando letras francês, e tive relatos positivos sobre o curso. Ainda assim, eu não fazia ideia de qual habilitação escolher, até porque se eu escolhesse inglês teria que já entra sabendo, espanhol era uma das maiores grades da letras, então durante algumas

conversas ela me falou muito bem do curso de francês na UFRJ e de fato francês era uma língua diferente, passei a me interessar e por fim decidi tentar.

Como um presente, no dia do meu aniversário, recebi a notícia que tinha sido aprovada para o curso de letras-francês. A princípio fiquei muito feliz e eufórica com a ideia de estudar em uma das melhores universidades do país.

O ingresso na UFRJ em 2018, foi um marco na minha trajetória, muito comemorada por mim e minha família, finalmente pude acreditar no meu potencial como aluna, e pude presenciar a emoção da minha família em dizer que mais uma filha preta estaria ingressando em uma universidade pública.

1.5 A graduação de letras e seus desafios

Em 2018.1, iniciei minha jornada na faculdade de letras, a princípio muito empolgada, feliz e grata por essa oportunidade. Contudo, logo no primeiro semestre eu experienciei o impacto da nova rotina. O ingresso e adaptação na faculdade não foi fácil. O deslocamento de mais de 1h30 para chegar à faculdade, tanto na ida quanto na volta, se mostrou um grande desafio. Fazer o trajeto de Realengo ao Fundão por cinco anos ou mais é realmente exaustivo. Além disso, a ausência de representatividade e o sentimento de não pertencimento me marcaram constantemente nos corredores e salas de aula.

Entrei na universidade sem qualquer conhecimento de francês, vindo de um colégio público que, infelizmente, oferecia um ensino básico um pouco defasado. A escola dava muita ênfase nas matérias de educação e negligenciava outras, por vezes fiquei sem professor de matemática e física o que refletiu na minha formação e dificultou o meu acesso à universidade pública.

O primeiro semestre foi extremamente desafiador. Conciliar o trajeto exaustivo com as matérias complexas e os professores exigentes foi mais difícil do que eu havia imaginado. A desigualdade social era claramente visível, muitos colegas já tinham conhecimento prévio de francês, vinham de boas escolas e possuíam capital cultural para já terem ido à França. Isso facilitava seu desempenho deles nas aulas, enquanto eu partia de um conhecimento praticamente nulo, só sabia o Bonjour. Todos aqueles gatilhos, que sempre me marcaram, voltaram a me atormentar.

A cada semestre que passava, a sensação de que a universidade pública não era para mim se tornava mais forte. A timidez, o achismo de pensar que eu não era inteligente e o medo me impedia de participar das aulas de forma ativa. Vindo de uma escola pública, com um ensino básico um tanto defasado, sentia uma dificuldade semelhante à que tive nas aulas de matemática. Muitas vezes, me via incapaz, e por muito tempo, essa sensação se tornou um gatilho que fez com que eu reprimisse a minha voz dentro da sala de aula. Além de não sentir uma abertura dos professores universitários.

Somente depois das aulas de prática de ensino e didática, que passei a sentir que aquele espaço podia e também era meu. Quando me vi representada pelo professor Sérgio Baptista, contando suas experiências como homem preto na educação, quando fui na formatura da minha irmã, quando via alunos pretos de outros países nos corredores das letras que pude perceber isso. Mas, não foi um processo fácil de desapegar desse sentimento, por

muitas vezes durante as aulas o professor dava espaço para que os poucos alunos negros presentes na turma falassem suas opiniões sobre o tema da aula.

Em uma aula, o professor me perguntou: Porque as pessoas pretas falavam diferente? E por vergonha e falta de confiança, não respondi. Porém internamente eu sabia que o motivo era porque as nossas referências eram outras, as nossas referências eram pretas. Pelo fato de consumirmos música, filme, moda preta. Falei simplesmente que eu não sabia, porque a sala de aula ainda me intimidava. Esse assunto era algo que eu sempre dialogava com a minha irmã, conversas sobre: racismo, representatividade e solidão da mulher preta.

Paulo Freire, um renomado educador e filósofo brasileiro, desenvolveu o conceito de "conscientização" (ou "consciência crítica") como parte central de sua pedagogia. Ele acreditava que a educação deveria ir além da simples transferência de conhecimento; ela deve capacitar os alunos a se tornarem participantes ativos na transformação de sua realidade. Em sua obra, ele afirma que a conscientização é o processo de desenvolvimento de uma compreensão crítica do mundo. Isso envolve reconhecer as estruturas sociais, políticas e econômicas que influenciam e muitas vezes oprimem os indivíduos. Freire enfatiza a necessidade de "Práxis da Libertação". O autor conceitua essa praxis a opressão em três palavras, iniciando com a ideia de que a sociedade se divide em dois grandes polos: os opressores e os oprimidos. Os oprimidos são aqueles que não possuem a liberdade, especialmente a liberdade de escolha em seu contexto social, sendo constantemente direcionados pela ação dos opressores. Nesse sentido, torna-se essencial, por meio da educação, despertar nos indivíduos a necessidade de transformar a concepção enraizada neles, a qual é perpetuada pelos opressores, que defendem a ideia de que a liberdade só é alcançada quando o indivíduo assume o papel de opressor. Ele acreditava que a educação deveria encorajar os alunos a refletir criticamente sobre sua realidade e, em seguida, agir para transformá-la.

Nós como futuros docentes precisamos levar em conta, a importância de utilizarmos essa conscientização na pedagogia. Para Freire (1979) a educação é uma ferramenta libertadora capaz de conscientizar as pessoas sobre a realidade opressiva e marginalizada em que vivem. Sua concepção de educação, fundamentada na antropologia, tem como objetivo promover a liberdade, emancipando os indivíduos da injustiça e das condições de opressão.

O papel fundamental dos que estão comprometidos numa ação cultural para a conscientização não é propriamente falar sobre como construir a ideia libertadora, mas convidar os homens a captar com seu espírito a verdade de sua própria realidade... (Freire, 1979, p.46).

Freire acreditava que o conceito de conscientização abrange a consciência de classe, isso porque o modelo de escola tradicional não se adequa com a realidade dos oprimidos, pois só por meio da conscientização, uma vez que são os próprios indivíduos os arquitetos de suas histórias.

Durante a apresentação de uma aluna negra na Semana de Integração Acadêmica (SIAC) de 2024, ela falou algo que muito me impactou "Nós pessoas pretas entramos na universidade porque queremos estudar e não fazer militância", apesar da militância ser muito importante dentro do espaço acadêmico, nós pessoas pretas só queremos pertencer, apesar de nossas dificuldades, só queremos ter a oportunidade de concluir um ensino de qualidade com todos os recursos necessários.

Sem isto estas sociedades continuarão a experiência da "cultura do silêncio", que, havendo resultado das estruturas de dependência, reforça estas mesmas estruturas. Há, portanto, uma relação necessária entre dependência e cultura do silêncio (Freire, 1979, p.33).

Freire (1979) ao abordar sobre o conceito de "cultura do silêncio", explicar como em sociedades marcadas por estruturas de dependência seja econômica, social ou política, as pessoas, especialmente os oprimidos, tendem a se calar e não questionar as injustiças e desigualdades que enfrentam. Essa "cultura do silêncio" é resultado da opressão e da falta de liberdade para expressar ideias, protestar ou resistir. Se perpetua pelas próprias estruturas de poder que dominam essas sociedades.

Ao afirmar que "sem isto a conscientização e a transformação, estas sociedades continuarão a experiência da cultura do silêncio", o autor sugere que, enquanto não houver uma mudança significativa, como a educação para a conscientização e a reflexão crítica, as pessoas continuarão submersas nesse silêncio imposto. Esse silêncio, por sua vez, fortalece as estruturas de dependência, pois impede que os oprimidos se levantem contra o sistema, mantendo a manutenção do status quo. A "relação necessária entre dependência e cultura do silêncio" trata-se sobre os contextos de opressão, sobre a dependência das pessoas em relação ao sistema de poder que gera e alimenta esse silêncio, dificultando a ruptura com a realidade opressiva.

Por mais que pensem que alunos pretos nas universidades só "querem fazer militância" na realidade precisamos falar sobre nossas dores, sobre como mudar essa narrativa

da falta de professores e alunos negros dentro de instituições de qualidade e não perpetuar com o silenciamento que tenta nos oprimir.

2. A CONSTRUÇÃO DA MINHA IDENTIDADE

A cada conquista alcançada, minha percepção sobre mim mesma se transformava. A cada seminário realizado, a cada aprovação em disciplinas que eu considerava impossíveis de passar e, ainda assim, conseguia, a cada regência concluída (aulas preparadas pelos alunos no final do estágio), eu me tornava mais forte. Ingressar na universidade foi apenas o início de um caminho bonito que eu poderia percorrer. A maneira como as pessoas me viam e falavam sobre mim não refletia, de fato, quem eu era, e eu não sentia a necessidade de provar a ninguém o contrário. Eu preciso apenas continuar trilhando o meu caminho, lembrando sempre de quem eu sou e de para onde eu estou indo.

Hoje, eu sei que sou inteligente e dedicada, sei que posso alcançar e conquistar muitas coisas ainda. Tenho orgulho da minha história, da minha pele, da minha cor, do meu cabelo e dos meus traços. Apesar de sofrer racismo estrutural e duvidarem de quem eu sou.

O antropólogo e escritor Dr. Kabengele Munanga em sua obra *Negritudes* discorre sobre identidade negra, racismo e as relações raciais, especialmente no contexto africano e afro-brasileiro. Munanga, sociólogo e antropólogo congolês-brasileiro, analisa a noção de "negritude" de uma forma crítica e reflexiva, abordando seu significado, usos e os diversos sentidos atribuídos ao longo da história, especialmente em relação ao movimento de valorização da cultura negra. Munanga explora a negritude não apenas como uma categoria racial, mas como um elemento de resistência ao colonialismo e ao racismo. Para o autor, a negritude representa uma forma de afirmação da identidade negra, principalmente diante da opressão histórica vivida pelos povos africanos e seus descendentes. Ele discute como a negritude tem sido usada para resgatar as raízes culturais africanas e reafirmar o orgulho de ser negro, contrastando com as ideologias racistas que tentaram diminuir a importância e o valor dessa identidade.

O autor coloca a negritude dentro de um contexto histórico, explicando como ela se desenvolveu ao longo do século XX, especialmente após as independências africanas e o movimento de emancipação cultural. Ele também analisa a negritude como um conceito global, refletindo sobre como esse movimento impactou tanto as sociedades africanas como as afrodescendentes na América Latina, incluindo o Brasil. Como se percebe, o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e raciais (Munanga, 1988, p.143-146)

O reconhecimento da negritude é muito importante para as pessoas pretas, principalmente na formação de sua identidade e na educação, quando se promove discussões sobre a ideologia racista e propõe uma reflexão sobre o papel da cultura negra na educação, valorizando as heranças africanas. A negritude promove a autoestima e o desenvolvimento dos alunos negros, quando reconhecida e valorizada além de garantir que eles tenham acesso a uma educação que reflita e respeite sua história e cultura. Quando os alunos negros têm a oportunidade de se verem representados de maneira positiva em livros, materiais didáticos e na própria estrutura curricular, isso fortalece sua autopercepção e os ajuda a desenvolver uma visão mais positiva de si mesmos.

Apesar de não ter me visto tão representada assim na educação, de qualquer forma ela ainda me trouxe experiências positivas de mudar a minha realidade, me trouxe resistência e conscientização por uma educação antirracista. Celebrando a diversidade e valorização de todas as identidades.

3. O PIBID FRANCÊS

O Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, mais conhecido pela abreviação PIBID, é uma política governamental de formação de docentes em nível superior. Teve seus trabalhos desenvolvidos no Colégio Estadual Souza Aguiar, situado no centro do Rio. O projeto teve início em maio de 2023 com a participação de vinte e quatro bolsistas, supervisionado por três professores (Gilberto Felix, Renata Valente e Marcelo Araujo) e coordenado pelo professor Sergio Luiz Baptista.

O pibid francês estava situado no centro do rio, que recebia alunos dos bairros e comunidades mais próximas. Essa foi uma escolha muito assertiva do coordenador do projeto, pois além de dar oportunidade para os alunos de escolas públicas aprenderem uma nova língua como o francês, visto que o francês não é uma língua ensinada nas escolas como como espanhol e inglês. Além disso, outra perspectiva importante a ser mencionada, é o fato de a grande maioria dos PIBID serem em colégios como Colégio Pedro II (CPII) e Colégio de Aplicação (CAP), escolas que possuem maiores investimentos e prestígio.

O público do Colégio Estadual Souza Aguiar (CESA), localizado no centro do Rio de Janeiro, era majoritariamente composto por alunos periféricos, de classes sociais mais baixas e em sua maioria negros. Muitos dos alunos inscritos no PIBID Francês estavam no último ano do ensino médio. O principal objetivo do PIBID Francês era proporcionar aos alunos do último ano a oportunidade de aprender a língua francesa no contexto de FOS, ou "Français sur Objectif Spécifique" (Francês com Objetivo Específico), é um ramo do ensino de línguas que se concentra em ensinar francês para fins específicos, adaptando o conteúdo e a abordagem pedagógica às necessidades particulares dos alunos. Isso pode incluir contextos profissionais, acadêmicos ou outras situações específicas onde o francês é necessário. O FOS é uma subcategoria do FLE (Français Langue Étrangère, ou Francês como Língua Estrangeira).

A partir desse contexto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Francês iniciou atividades no contraturno escolar com a oferta de oficinas gratuitas de língua francesa. Desde o início, a proposta visava atender tanto os alunos quanto todo o corpo escolar interessado, incluindo profissionais e familiares próximos dos alunos.

Inicialmente, a ideia era oferecer oficinas temáticas abordando tópicos específicos como moda, esportes, culinária e música. No entanto, posteriormente, percebeu-se que seria mais vantajoso proporcionar um ensino da língua francesa que não só contemplasse o aprendizado do idioma, mas também permitisse que os alunos utilizassem a língua como uma

ferramenta prática para o trabalho. Assim, surgiu a ideia de ensinar francês no contexto tradicional, turismo, hotelaria e jogos.

Durante esse processo, surgiram dúvidas pertinentes em nossas reuniões semanais: Como podemos atrair esses jovens para as aulas, considerando que muitos trabalhavam ou precisavam ajudar em casa no contraturno? Qual material didático utilizaremos, uma vez que a escola não possui uma midiateca com livros didáticos em francês, como em algumas outras instituições?

Para atrair os alunos, primeiramente pensamos em ações a serem realizadas no colégio. A primeira foi o corpo a corpo: passamos de sala em sala falando sobre o projeto, colocamos no mural da turma um QR Code para aqueles que acessassem fossem direcionados para a página de inscrição, aqueles que não tivessem acesso a internet podiam fazer a inscrição presencialmente. Ao mesmo tempo que acontecia as inscrições pensamos em ações no colégio como cartazes explicando sobre o PIBID Francês, PIBIDFLIX (foi transmitidos curta metragens em francês para que os alunos pudessem ter contato com a língua).

3.1 A elaboração do material didático

A língua francesa, por muito tempo, era uma língua que somente a elite (classe média alta) tinha acesso em diversos países, especialmente nas Américas e na Europa. Isso se deve a uma combinação de fatores históricos, culturais e sociais. Em muitos locais, a influência francesa foi estabelecida através da colonização. No Canadá, por exemplo, particularmente em Quebec, o francês se tornou a língua dominante devido à colonização francesa. Durante os séculos XVII e XVIII, a cultura francesa era vista como a mais refinada e influente na Europa. O francês era a língua da diplomacia, das cortes e da alta sociedade, e dominar esse idioma era um sinal de erudição e prestígio social.

No Brasil, o pensamento não era muito diferente. O francês era visto como um símbolo de sofisticação, cultura e prestígio, especialmente entre os séculos XIX e início do século XX. Durante esse período, o Brasil passava por um processo de modernização e urbanização, e a influência cultural europeia, em particular a francesa, era muito forte. A elite brasileira, inspirada pelos valores e estilos de vida europeus, adotava a língua francesa como parte de sua educação e formação cultural. Dominar o francês era um indicativo de status social elevado e erudição. Muitas famílias da aristocracia e da burguesia brasileiras contratavam professores particulares para ensinar francês aos seus filhos.

O PIBID francês desmistifica essa ideia ao desenvolver um material didático totalmente autoral, considerando que a maioria dos materiais didáticos franceses perpetuam a hegemonia estereotipada da população branca francesa. Portanto, foi de extrema importância criar um material representativo para os alunos do CESA, abrangendo tanto aspectos raciais quanto culturais, e mostrando a eles a riqueza da francofonia. Este material inclui personagens negros de diversas culturas, proporcionando uma visão mais inclusiva e diversificada.

Não ser visível nas ilustrações do livro didático e, por outro lado, aparecer desempenhando papéis subalternos, pode contribuir para a criança que pertence ao grupo étnico/racial invisibilizado e estigmatizado desenvolver um processo de auto-rejeição e de rejeição do seu grupo étnico racial (Da Silva, 2005, p. 25).

Dessa forma, foi fundamental utilizar a representação do negro de maneira não estereotipada, garantindo que os alunos se sentissem positivamente representados. Felizmente, contamos com a colaboração de uma pibidiana que era artista, a qual criou um acervo de personagens inspirados nos próprios pibidianos, que foram incorporados ao material didático.

3.2 Minha experiência no PIBID francês

O PIBID (O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) foi um marco em minha trajetória acadêmica. Por muito tempo, desejei participar de forma mais ativa de um projeto na universidade, mas, devido à falta de oportunidades, nada se concretizava, até que soube sobre o PIBID. Quando ingressei no projeto, senti um grande medo de dar aulas de francês, especialmente porque havia reprovado na disciplina no primeiro semestre. Sempre me critiquei pela minha pronúncia e me senti intimidada com a possibilidade de um aluno fazer uma pergunta à qual eu não soubesse responder. Porém, com o passar do tempo eu entendi que o professor não sabe de tudo, nós sempre estaremos aprendendo.

Minha participação no PIBID Francês teve um impacto significativo na minha formação como futura professora. O programa não se limitou à simples prática de dar aulas, mas me proporcionou ferramentas valiosas para atrair e engajar os alunos, além de me ajudar a superar a timidez de estar à frente de uma turma. Também aprendi a organizar material didático de forma eficiente e estratégica. O PIBID-Francês foi fundamental para fortalecer minha paixão pela carreira docente, evidenciando tanto as belezas quanto os desafios dessa profissão. A experiência reforçou a percepção de que ser professor é uma atividade enriquecedora, essencial não apenas para a educação, mas para todos os aspectos da vida.

Todas as ações realizadas pelo PIBID Francês me fortaleceram e me trouxeram experiências para além do texto, o projeto contribuiu para que eu tivesse uma visão sobre o papel transformador da educação, renovando minha esperança em um futuro melhor para a educação e destacando a importância do professor na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

4. A PRÁTICA DE ENSINO

Como já mencionado, foi somente nas aulas de prática de ensino que pude me sentir pertencente à UFRJ. Durante as aulas de Didática e Prática de Ensino, pude acessar muitos sentimentos. Meu professor, Sérgio Baptista, frequentemente promovia debates sobre negritude, sexualidade, raça e representatividade na educação. Ele sempre deixava o espaço livre para que todos expressassem suas opiniões, com especial atenção para mim, dando voz às poucas mulheres negras presentes na sala. No entanto, muitas vezes eu não conseguia me manifestar e me expressar. Isso não ocorria somente por vergonha, mas sim por nunca ter tido a oportunidade de ter voz dentro de uma sala de aula. Assim, esse espaço de expressão era algo novo para mim. No capítulo “Pedagogia Engajada” bell hooks afirma que:

A educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas dos nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (bell hooks, 2013, p.25).

A liberdade dentro de sala de aula deveria ser algo comum para todos. Esse espaço deve ser seguro e inclusivo, independentemente de raça, sexualidade ou religião. Durante o ensino fundamental, tive apenas dois professores negros e pouquíssimas experiências que celebrassem o saber negro. Talvez isso tenha acontecido pelo fato de eu ter estudado em escola privada, onde havia poucos alunos negros e pouquíssima consciência racial. Nós éramos a minoria. Por isso, eu não me via representada nesse ambiente, além de enfrentar dificuldades em algumas matérias, o que fez com que eu duvidasse do meu potencial até mesmo na graduação. Eu não sentia o mesmo aplauso quando um aluno branco respondia alguma questão em sala, pelo contrário, eu tinha muito medo de errar, do que os outros alunos iriam achar, do que o professor ia pensar. Eu tinha medo até de ter dúvidas. O fato de ser uma das poucas alunas negras tinha um peso, mesmo que indiretamente. Pessoas pretas querem a todo custo provar o seu valor. E hoje eu entendo que era racismo, que infelizmente o ambiente escolar também reproduz camadas racistas.

Temos vários exemplos na mídia de pessoas negras que erraram e não obtiveram o perdão, são constantemente rejeitadas virtualmente, como por exemplo: o cancelamento da karol Conká. Uma mulher negra, cantora, engajada com as pautas sociais, porém, teve

atitudes erradas em um programa de televisão, ela é ridicularizada até hoje. Enquanto pessoas brancas são racistas o tempo todo, porém se a pessoa por uma roupa branca, cara de choro, pede desculpas a quem se sentiu ofendido e está tudo certo. Então, eu sempre soube que pessoas pretas sofrem essa pressão, não podem errar, tem que ser o mais limpo, cheiroso, educado e mesmo assim vamos sofrer racismo.

Foi somente quando entrei na universidade que percebi que poderia e deveria ter voz na sala de aula, que esse espaço também era meu, independente do grau da minha dificuldade, o ambiente escolar é livre para acertos e erros.

O movimento negro é um educador (Gomes, 2017, p.13).

Nilma lino gomes explicita em sua obra (O movimento negro educador - saberes construídos nas lutas por emancipação) a importância do movimento negro nos cursos de formação de professores, pedagogia e práticas pedagógicas. A autora fala sobre a importância do movimento negro ser esse agente.

O movimento é educador porque gera conhecimento novo, que não só alimenta as lutas e constitui novos atores políticos , como contribui para que a sociedade em geral se dote de outros conhecimentos que a enriqueçam no seu conjunto (Gomes, 2017, p.10).

A autora destaca a importância do movimento social como um agente de transformação e educação. Ela afirma que "o movimento é educador", se referindo ao fato de que os movimentos sociais não apenas buscam mudanças políticas e sociais, mas também geram novos conhecimentos. Esses conhecimentos surgem das experiências vividas e das lutas dos grupos envolvidos, ampliando a compreensão sobre as questões que estão sendo abordadas.

Ao "alimentar as lutas e constituir novos atores políticos", o movimento social cria novas formas de pensar e agir, formando lideranças e participantes mais conscientes e preparados para intervir nas questões sociais. Além disso, esses movimentos, ao difundirem seus conhecimentos, contribuem para o enriquecimento da sociedade como um todo. Ou seja, eles não apenas transformam diretamente as condições das pessoas envolvidas, mas também oferecem uma nova perspectiva para a sociedade em geral, ampliando a capacidade de todos de refletir e agir de maneira mais crítica e transformadora.

5. CONCLUSÃO

A experiência narrada reflete a relevância de reconhecer e valorizar a presença de mulheres negras na educação, especialmente no campo da docência. A minha trajetória revela as inúmeras dificuldades enfrentadas por mim, mulher negra, em um sistema educacional marcado por uma longa história de hegemonia branca. No entanto, também destaco o impacto transformador da representatividade racial no processo de ensino-aprendizagem.

O conceito de transgressão das normas hegemônicas, como defendido por bell hooks, ressoou fortemente com meu processo de ressignificação e empoderamento dentro do ambiente acadêmico. Ao considerar a educação como uma prática de liberdade, percebo que ela se configura como um meio poderoso de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Este trabalho, portanto, não se limita a relatar minha experiência pessoal, mas também busca inspirar outras mulheres negras a se reconhecerem como protagonistas de suas próprias histórias e a acreditarem no potencial transformador que elas possuem, não apenas na educação, mas também na sociedade como um todo.

Apesar de toda luta, não termina por aqui, é só o início de uma longa jornada que eu estou trilhando. Ao revisitar minha experiência no PIBID francês e as práticas pedagógicas que desenvolvi, ficou evidente como a educação pode ser um espaço potente de resistência, afirmação da identidade e, ao mesmo tempo, de construção de um ambiente mais inclusivo e plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**, 2013; tradução de Marcelo Brandão Cipolla - São Paulo: Editora: WMF Martins Fontes, 2013.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Cultura Negra e Identidades).
- GONZÁLEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **O lugar do negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- SAM-LA ROSE, Jacob. **Poesia**. In: KILOMBA, Grada. Plantation Memories – Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2012.
- DA SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, K. (Org). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: 2005. p. 21.
- Brancos são a maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação.** G1, 14/05/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml>, acesso em 27 de novembro 2024.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.